

"EMBARCADIÇOS DO ENCANTAMENTO: TRABALHO SINÔNIMO DE ARTE, ESTÉTICA E LIBERDADE NA PESCA MARÍTIMA"

"EMBARCADIÇOS OF ENCHANTMENT: WORK SYNONYM OF ART, AESTHETICS AND FREEDOM IN SEA FISHING"

"EMBARCADIÇOS DE ENCANTO: TRABAJO SINÓNIMO DE ARTE, ESTÉTICA Y LIBERTAD EN LA PESCA DE MAR"

GARCEZ, Carmen Silvia Moreira

Resenha de: RAMALHO, Cristiano Wellington Noberto. **Embarcações do encantamento: trabalho sinônimo de arte, estética e liberdade na pesca marítima**. São Cristóvão: Editora UFS; Campinas: Ceres – Unicamp, 2017. 428 p.

O universo dos pescadores artesanais, e os desafios que enfrentam para sobreviver de suas pescarias num campo marcado por relações de poder tão desiguais, têm sido o foco de pesquisa do sociólogo Cristiano Ramalho desde os anos de graduação. Nessa época, estudante na Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), o autor desenvolveu um estudo a respeito das relações entre o poder público e a Colônia de Pesca Z10, do município de Itapissuma, no litoral norte pernambucano. No mestrado, cursado na Universidade Federal de Pernambuco, retomou o tema e realizou uma análise comparativa entre a pesca estuarina de Itapissuma e a marítima praticada na Praia de Suape, Cabo de Santo Agostinho, na Região Metropolitana do Grande Recife, cujos resultados foram registrados no livro *Ah, esse povo do mar! Um estudo sobre trabalho e pertencimento na pesca artesanal pernambucana*. Agora, com *Embarcações do encantamento: trabalho sinônimo de arte, estética e liberdade na pesca marítima*, o pesquisador compartilha com o leitor a sua tese de doutoramento, obtido no Programa de Ciências Sociais da Universidade Estadual de Campinas em 2007.

O livro, que trata da relação íntima que os pescadores artesanais embarcados de Suape efetivam entre seu trabalho e as noções arte, beleza e liberdade, é composto por cinco capítulos, antecedidos por uma introdução em que o autor relata os aspectos teórico-metodológicos de sua pesquisa e nos conta como surgiu o tema. Ao retornar às transcrições das entrevistas que realizara com os pescadores artesanais durante a pesquisa de mestrado, as noções de belo e arte assumiram uma importância maior do que ele havia imaginado anteriormente. Ao mesmo tempo, ambos se revelavam intimamente associados ao trabalho marítimo, tido, pelos próprios pescadores, como liberto. Ali estava, portanto, uma rica problemática: o trabalho pesqueiro como beleza, arte e liberdade – esta última entendida como liberdade possível, e não como emancipação humana, conforme a concepção marxiana.

Tomando o trabalho da perspectiva de Lukács, como a gênese ontológica do ser social, mediado por diversos complexos sociais (costumes, ideologias, cultura, tradição, política etc.), o pesquisador buscou responder a diversas questões, entre elas: Por que o belo, a arte e a liberdade, para esses pescadores, são indissociáveis no mundo do trabalho? São categorias de base ontológica? São mediações existenciais?

A área pesquisada, Suape, encontra-se a 50 km de Recife, em direção ao sul, e sua paisagem natural é composta de mangues, estuários e remanescentes de Mata Atlântica, cercada pelos rios Massangana e Ipojuca

e banhada pelo oceano Atlântico. Encravada numa região historicamente canavieira, tornou-se nos primeiros séculos de colonização do Brasil um pequeno porto de embarque de açúcar. Diferentemente de outras regiões litorâneas, em Suape os pescadores nunca foram agricultores que perderam suas terras devido à concentração fundiária ou à especulação imobiliária litorânea mais recente e que, por isso, ingressaram na pesca artesanal. A pesca sempre foi, na grande maioria dos casos, o único espaço produtivo para eles. Na época da pesquisa havia ali cerca de 170 famílias que viviam diretamente da pesca artesanal.

Foi entre pescadores artesanais embarcados, os que usam barcos motorizados (os botes) para ir ao mar alto¹, que Cristiano Ramalhou encontrou a definição do trabalho pesqueiro articulado à beleza, à arte e à liberdade. De dezembro de 2004 a dezembro de 2006, foram entrevistados em profundidade 13 pescadores que compunham a tripulação dos botes da localidade, com idade entre 23 e 70 anos. O recorte geracional permitiu obter depoimentos de pescadores mais velhos, mais experientes, e também dos mais jovens, e assim se poderia compreender as possíveis continuidades e transformações das práticas societárias dos pescadores, principalmente no que diz respeito ao trabalho, nas suas sociabilidades, representações e sentimentos relativos à cultura produtiva pesqueira. O autor destaca que a pesca do mar-de-fora (além da rebentação) é uma atividade exclusivamente masculina. Aliás, trata-se de um fenômeno universal, pois os marítimos acreditam que as mulheres não são portadoras de boa sorte e são frágeis para enfrentar o oceano, por isso lhes couberam o conserto das redes, a coleta de pescados nas margens dos estuários e a comercialização da produção.

As entrevistas abertas (algumas feitas de 2 a 3 vezes), a partir das histórias de vida, e a observação direta, inclusive embarcando com os pescadores, foram os procedimentos etnográficos utilizados ao longo de 2 anos de pesquisa de campo. Também foi feita pesquisa bibliográfica e em fontes documentais, mas a história oral se mostrou ferramenta essencial para recuperar memórias coletivas e pessoais dos pescadores artesanais de Suape, suas experiências, suas representações sobre o passado, o presente e o futuro e suas visões de mundo.

Após essa introdução, Cristiano Ramalho desenvolve os capítulos do livro, cada um com introdução e conclusão próprias, de modo que guardem certa autonomia. No entanto, observa ele, isso não compromete o argumento teórico-metodológico que os conecta nem sua centralidade analítica, permitindo a unidade do debate sociológico articulando as categorias arte, beleza e liberdade com a categoria trabalho.

No capítulo 1, "A formação histórica da pesca e dos pescadores artesanais", há um resgate diacrônico da constituição do mundo do trabalho da pesca artesanal pernambucana, desde o início do período colonial, no século XVI, com base em relatos de viajantes, textos de época e estudos históricos. Contudo, apesar de tratar de algo mais localizado, essa dinâmica – em analogias feitas pelo estudioso com pescarias de outros estados – mostra-se, em vários cenários, algo geral. No contexto de uma sociedade escravocrata e estruturada numa organização social do trabalho com base nas corporações de ofício importadas de Portugal, engendram-se os elementos constitutivos da noção de arte como trabalho e de trabalho como liberdade possível. O surgimento da pessoa do mestre, as mudanças tecnológicas ocorridas na composição das jangadas e o desenvolvimento de ricas técnicas de manejo legitimaram a noção de trabalho como arte. Por outro lado, a pesca artesanal tornou-se um caminho de liberdade para muitos negros escravos em Pernambuco e um espaço de resistência, em contraposição a muitos outros ofícios, que eram vistos como opressivos. Ainda hoje, esses aspectos reverberam na vida dos pescadores de Suape, que se recriam como uma cultura do trabalho marcada pela arte e pela autonomia em seu saber-fazer produtivo, traduzindo-se naquilo que o autor chamou de *sentimento de corporação*.

"A arte de fazer-se pescador artesanal", o capítulo 2, centra-se sobre o "fazer-se artista do mar". O complexo saber-fazer pesqueiro, que engloba variados conhecimentos técnicos e sobre a natureza, além da companhia (o regime de parceria), são elementos essenciais para a construção de práticas societárias

1. Distintamente das regiões Sul e Sudeste do Brasil, o emprego do termo embarcado em praias pernambucanas liga-se à ideia de pescadores que usam barcos, que pescam de barcos artesanais.

autônomicas, de negação do controle absoluto e totalitário do capital e de seus valores. A partir da análise das práticas cotidianas dos pescadores artesanais em seu fazer produtivo, e da lógica das relações de amizade, compadrio e familiares no universo pesqueiro, o autor mostra que, mesmo inseridos numa totalidade regida pela supremacia do capital, não existe uma separação dos pescadores de Suape e seus meios de vida (a natureza e os instrumentos de produção). Para exemplificar o que foi constatado por Cristiano Ramalho, 46% dos pescadores locais entrevistados detinham a posse de seus botes e 38% deles pescavam em botes de parentes e irmãos, trabalhando lado a lado com eles em um regime de parceria, de companha. Quem tem barco também pesca e não é visto por aqueles que não o têm como um capitalista, pertencente a uma classe social antagônica, graças à prática produtiva e ao sentimento de corporação. Portanto, como o próprio autor afirma, “a posse do barco não é a posse da autoridade, não é constituição de mando e de obediência, de poder extrínseco que realiza injunções sobre o saber-fazer, imposições pôr teleológicas” (RAMALHO, 2017, p. 147). Ao contrário, no interior da pesca, o capital não foge ao controle do trabalho, submete-se a ele. O fator decisivo é o saber-fazer – do indivíduo e da companha.

O corpo e o saber sensível – audição, olfato, tato, visão, paladar, ritmo corporal – são o tema do capítulo 3, intitulado “O sentir dos sentidos: a existência da estética pesqueira”, como elementos essenciais da arte pesqueira e do ser pescador. Para o pesquisador, é possível considerar o corpo como uma categoria social de cunho ontológico, pois é por meio dele que o ser social dialoga com as naturezas orgânicas (plantas, animais) e inorgânicas (água, terra). Assim, o domínio sobre o próprio corpo e a educação dos sentidos, que vão sendo construídos ao longo do tempo na prática do fazer-se pescador, permitem não apenas a concretização do seu trabalho, mas também alternativas de não subordinação do seu corpo por outrem – possibilitando-lhe uma vida liberta. Por outro lado, na medida em que a razão instrumental criou uma falsa dicotomia e antagonismo entre meio ambiente marinho e o ser social, a humanização dos sentidos dos pescadores artesanais desdobra-se numa relação mais humanizada com a natureza inorgânica, em uma cultura do trabalho singular com seu modo de vida particular. O sentir dos sentidos dos pescadores, moldados pelas ondas, pelo sol, pela brisa, pela visão dos cardumes, pelo som do mar, pelo manter-se em pé no barco, resulta numa relação mais humanizada dos pescadores com a natureza, apesar das tensões vindas do capital. É a essa relação mais humanizada que Cristiano Ramalho chama de estética pesqueira, uma estética existencial libertadora – considerando, nesse capítulo, a estética da perspectiva da educação sensitiva (e não como um campo de discussão sobre o belo), em alusão ao percurso que precisa ser percorrido pelos pescadores artesanais para o aprendizado do saber-fazer pesqueiro.

É no capítulo 4, “Estética marítima e seu código moral: o encantamento no mundo e na arte de ser pescador artesanal”, que o autor trata da pujança do sentimento do belo como um código existencial que, presente no trabalho pesqueiro, alimenta-o e é alimentado por ele. No início da pesquisa, intrigava a Cristiano Ramalho a recorrência nas narrativas dos pescadores de Suape da definição do trabalho pesqueiro como sendo belo e prazeroso. Para ele, como pesquisador, era preciso um “mergulho analítico” sobre as razões societárias que pudessem justificar e sustentar a representação e a objetividade do trabalho como belo e aprazível. Para tanto, ele aciona algumas reflexões feitas por filósofos clássicos e pensadores modernos e contemporâneos sobre a construção do belo, sobre estética, valor, ética e moral, além de discussões sobre territórios de uso comum. Aqui se cruzam filósofos clássicos e contemporâneos, sociólogos, historiadores, antropólogos, ofertando um panorama complexo e articulado acerca da questão. A partir dessa imersão, em diálogo com os depoimentos dos pescadores, conclui que o trabalho, para os pescadores artesanais suapenses, proeiros ou mestres de pescaria, significava a própria estetização da vida, uma vez que o belo não surgia, em suas falas, como uma adjetivação que separava o trabalho e o modo de vida. Mas além de trabalho inventivo, o estético – a perfeição em manejar os instrumentos de trabalho e o próprio corpo em pleno ato da pescaria (e nessa perfeição está o belo, para o pescador) – inclui valores éticos que constroem critérios de autonomias possíveis de vida, tanto de gestão do território aquático e terrestre como de domínio direto sobre a organização social do trabalho e da arte de ser pescador, ou ainda de respeito comunitário, traduzido no direito à vez, ou no que os pescadores chamam de *consideração* (pelo outro). Desse modo, o belo (ou a estética

marítima) se constitui como uma forma de irredentismo e de afirmação da sociedade do trabalho da pesca diante do poder do capital, sendo uma mediação social significativa. A estética marítima, portanto, é uma forma de encantamento no mundo, que tem no trabalho a razão de ser desse sentimento, seu aspecto ontológico.

O quinto e último capítulo, ao qual não foi dado um título, reúne as partes finais da tese. As "Considerações finais", em tom de "despedida", relata uma última conversa tida em Suape, com duas gerações de pescadores, pai e filho, em que foram sintetizadas as questões centrais da pesquisa. Após as "Referências", há um "Glossário" com alguns termos locais dos pescadores usados para nomear seus instrumentos de trabalho, as áreas piscosas, funções no barco e outros. O item "Sobre o autor" foi acrescentado para a publicação em livro, apresentando a trajetória acadêmica de Cristiano Ramalho.

Cabe mencionar, ainda, que a obra traz algumas ilustrações presentes no trabalho de tese, como reproduções de pinturas que retrataram o Brasil colonial e de fotos dos pescadores em sua prática produtiva, de suas ferramentas de trabalho, além de alguns quadros com dados quantitativos. Por fim, o livro foi enriquecido pelo prefácio do antropólogo Antonio Carlos Diegues, coordenador do Núcleo de Apoio à Pesquisa sobre Populações e Áreas Úmidas Brasileiras (NUPAUB), da Universidade de São Paulo (USP), e pelo texto das orelhas que compõem a capa, de autoria de Ricardo Antunes, professor titular do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp.

Pelo conteúdo tratado, e a qualidade de uma narrativa reveladora do encantamento que Cristiano Ramalho nutre por seu objeto de pesquisa (sentimento que ele ilustra ao mencionar os versos de Dorival Caymmi "Quem vem pra beira do mar, ai/Nunca mais quer voltar, ai"), a leitura de seu novo livro é bastante indicada aos que se interessam pelo universo da pesca artesanal no Brasil. Ao voltar sempre ao seu tema de eleição desde os bancos da graduação, ampliando-o e aprofundando-o mais e mais, o autor confirma que o conhecimento é um processo em permanente construção. Mais ainda, ao se aventurar pelo fazer etnográfico, repleto de incertezas para quem tem a formação de sociólogo (como ele mesmo admite), revela a liberdade epistemológica de quem tem a consciência de que o fazer científico não pode ser enclausurado nas caixinhas da especialização disciplinar. Sem essa liberdade, sem essa paixão, não há vocação para a ciência, como afirmado por Max Weber em citação do próprio Ramalho. No trabalho científico também é preciso haver arte, estética e liberdade para combater a lógica utilitarista predominante na academia contemporânea.

Outra contribuição da obra revela-se na compreensão da arte, da estética e da liberdade no trabalho marítimo como um espaço de resistência. O senso comum, muitas vezes, observa os pescadores artesanais de uma perspectiva romântica, pelo fato de eles interagirem diretamente com a natureza, por sua vez também romantizada. Por outro lado, o trabalho do pescador é muito pouco valorizado pelas elites, que frequentemente consideram os pescadores artesanais como "gente sem profissão, pouco 'produtivos', apesar de serem responsáveis ainda por grande parte do pescado produzido e vendido no litoral brasileiro", como bem apontou Diegues em seu prefácio. Portanto, em nenhum dos casos a arte, a estética e a liberdade são percebidas como aspectos constitutivos da cultura do trabalho marítimo, e por ele constituídos, e como a força que permite aos pescadores artesanais insurgirem-se cotidianamente contra o seu empobrecimento, a sua fragmentação enquanto indivíduos.

REFERÊNCIA

RAMALHO, Cristiano Wellington Noberto. **Embarcações do encantamento: trabalho sinônimo de arte, estética e liberdade na pesca marítima**. São Cristóvão: Editora UFS; Campinas: Ceres – Unicamp, 2017. 428 p.